

VOTO RELIGIOSO E O BOLSONARISMO: Efeitos da teologia e das lideranças religiosas sobre o eleitorado¹

RELIGIOUS VOTE AND BOLSONARISM: Effects of theology and religious leadership on the electorate

Horrana Grieg e Souza Oliveira², Aldrey Aleksander Braz Guerrero,³ Davi Alves
Lopes Barbosa⁴ e Emanuel Henrique Ferreira de Moraes⁵.

Resumo: Este estudo busca explicar a importância que os pastores evangélicos pentecostais estão assumindo na construção política brasileira. A variável religião, nas eleições presidenciais de 2022, influenciou profundamente as escolhas de voto de parte do eleitorado brasileiro, assim, urge a importância de compreender como os líderes religiosos influenciaram esse eleitorado, e a simbologia por eles movida durante a campanha proporcionará um quadro mais claro para entender quais são as motivações e ideais introjetados pela base eleitoral do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Desse modo, é necessário resgatar os elementos simbólicos e míticos dentro da religião que são utilizados para legitimar o antigo governo, e, também, pretendemos, futuramente, por meio de um modelo de regressão multinível, compreender as ideologias por trás do voto do eleitorado cristão bolsonarista.

Palavras-chave: Pastores pentecostais. Voto evangélico. Bolsonarismo.

¹ 1 Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho GT 05: Cultura Política, Comportamento e Opinião Pública, da 10ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (10ª COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Ceará (UFC), 09 a 10 de maio de 2023.

² Horrana Grieg e Souza Oliveira, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestranda, horrana@eia.com.br

³ Aldrey Aleksander Braz Guerrero, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Graduando, aldreybrazg@gmail.com

⁴ Davi Alves Lopes Barbosa, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Graduando, davialveslopesbarbosa@gmail.com

⁵ Emanuel Henrique Ferreira de Moraes, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Graduando, emanuelsquartz@gmail.com

Abstract: *This study seeks to explain the importance that Pentecostal evangelical pastors are assuming in the Brazilian political construction. The variable religion, in the 2022 presidential elections, deeply influenced the voting choices of part of the Brazilian electorate, thus, the importance of understanding how religious leaders influenced this electorate is urgent, and the symbology moved by them during the campaign will provide a clearer picture to understand what are the motivations and ideals introjected by the electoral base of former president Jair Messias Bolsonaro. Thus, it is necessary to rescue the symbolic and mythical elements within religion that are used to legitimize the former government, and, also, we intend, in the future, through a multilevel regression model, to understand the ideologies behind the vote of the Christian Bolsonaro electorate.*

Keywords: *Pentecostal pastors. Evangelical vote. Bolsonarism.*

1. Atual cenário político brasileiro: Eleições Presidências e a Extrema-Direita

No dia 08 de janeiro de 2023, a capital do Brasil foi tomada por manifestações não pacíficas organizadas por apoiadores do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Durante os protestos que questionavam a legitimidade da eleição presidencial e contestavam os resultados das urnas que concederam a vitória e o terceiro mandato presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva, manifestantes depredaram os prédios públicos do Congresso Nacional, do Superior Tribunal Federal e do Palácio do Planalto. Os envolvidos também invadiram os edifícios dos Três Poderes.

A instabilidade política percebida durante esse episódio, entendido pela mídia como um ato golpista, indica não apenas um conflito político-social e ideológico próprio de uma democracia desgastada, mas também, apresenta os movimentos de insurgência da nova alt-right brasileira. Para além de um simples candidato, Bolsonaro se maquiou na figura de uma liderança carismática capaz de angariar fiéis seguidores, que mesmo após a sua derrota nas urnas, mobilizaram-se na frente de quartéis pedindo pela anulação do pleito que concedeu vitória a Lula e à Intervenção Militar. O Fenômeno denominado Bolsonarismo, captura em sua essência e ordem os espectros messiânicos de um movimento de salvação do Brasil, tal qual o slogan da campanha: “Deus acima de Tudo, o Brasil acima de Todos”.

Desde as eleições presidenciais de 2018, essa figura carismática vem se aproximando do eleitorado evangélico e da extrema direita como aquele representante que defende a moral e os valores cristãos, o nacionalismo e o liberalismo econômico. Muito embora o sucesso eleitoral de Bolsonaro em 2022 em evoluir na campanha extrapole a questão religiosa, ao acolher em seus discursos, ideologicamente inflamado de direita extremista e valores Religioso, numa conjuntura de interesses econômico-políticos próprios do agronegócio e do público armamentista, é inegável como o discurso de fundo religioso serviu para mobilizador afetos junto ao eleitorado nacional.

A Liderança Carismática de Bolsonaro, tal qual apresentada por Weber (1999), ao longo dos últimos anos vem sendo exercida sobre uma espécie de autoridade messiânica, em oposição às organizações administrativas burocráticas, que não conhece nenhuma instância controladora ou à qual se possa apelar, de maneira que ela somente se subjeta aos limites imanes da sua própria missão: “a salvação do Brasil”.

Muito disso foi constituído a partir de uma gama de simbologias, constantemente evocadas à figura de Bolsonaro, responsáveis por refirmarem um status divino da representação na qual ele foi “designado por Deus”, dentre elas, pode-se indicar como exemplo o vídeo publicado por Bolsonaro em seu canal digital Facebook (20 de maio de 2019), na qual o pastor francês Steve Kunda afirma que o presidente foi escolhido por Deus para governar o Brasil. Vale ressaltar, que a construção santa da figura Bolsonarista em messias não foi projetada apenas em sua pessoa, mas remodelada em toda a sua família: mulher e filhos. A própria Primeira – Dama, Michelle Bolsonaro, para comemorar a confirmação do amigo André Mendonça no STF (Supremo Tribunal Federal) recebeu do “Espírito Santo de Deus” o dom de falar “em línguas”.

Contudo, em prosseguimento ao trabalho, apresentar-se-á, no próximo tópico, a origem a partir da qual se firmou a atual conjuntura política em que o Brasil se encontra inserido.

2. Protestos de 2013: gênese da atual crise política brasileira

A origem do que se percebe atualmente está nas manifestações ocorridas no país em 2013. Durante os protestos deste ano, observou-se um descontentamento da sociedade civil brasileira, inicialmente, devido ao aumento da tarifa dos transportes públicos. O movimento ganhou mais adesão e levou a uma revolta ante a corrupção, a ausência de confiança nas instituições democráticas, partidos políticos e políticos tradicionais.

Absorvendo esse movimento, que inicialmente era visto como ideologicamente de esquerda, Singer (2013) indica que a direita inflamou as manifestações pelo sentimento anticorrupção (enquanto estratégia de ataque dos grupos de oposição). Frente a isso, a corrupção torna-se um assunto de natureza moral repudiada na opinião pública e de fácil aceitação a combater. O autor ressalta também que o julgamento do Mensalão, ocorrido seis meses antes dos protestos de junho de 2013, deixou a sociedade civil com um grito de impunidade e revolta ante as instituições democráticas entalado na garganta, gerando mais adeptos às recentes revoltas.

Para Telles e Storni (2013) nas manifestações de 2013 foi percebido uma carência quanto à escala de auto classificação ideológica. Segundo esses autores o passado do regime militar no Brasil (1964 a 1985) nutriu no inconsciente do eleitor a ideia da esquerda estar relacionada com o grupo político de oposição ao governo, assim, historicamente criou-se no imaginário público de relacionar o governo vigente como sendo de direita. Desse modo, a escala não capta o espectro do conservadorismo e liberalismo econômico e político, mas, sim, tornou-se um indicativo da confiabilidade dos sujeitos na avaliação dos governantes e nas instituições democráticas. Ainda nas pesquisas realizadas por Telles (2016), 39% dos manifestantes se declararam como sendo de direita - maior que a encontrada em Belo Horizonte, que era de 25%. Nisso, percebemos uma mudança de comportamento de auto-percepção ideológica do eleitorado para a direita, em que as manifestações ocorridas entre 2013-2016 reativaram os ideais e valores

conservadores nos indivíduos, em disposições previamente existentes neles (Singer, 2021).

Telles (2016), a partir de uma pesquisa realizada em Belo Horizonte, em 2015, com manifestantes após a eleição presidencial de 2014, percebeu que 81% deles consideravam que Lula era um dos principais malfeitores do país, 82% consideravam que a, até então, presidente Dilma causava mal ao país, e 24% considerava que o, até então, deputado federal Jair Bolsonaro poderia vir a ser um bom presidente do Brasil. O cenário político que firmava no período dessa pesquisa era de forte crise econômica, pós-tumba aos protestos do ano de 2013 e uma disputa à presidência conturbada, atestando, assim, os indícios de uma crise institucional brasileira.

Na mesma pesquisa, Telles apresenta 66,8% dos entrevistados acreditam que o maior problema do país, na época, era a corrupção/falta de ética. Tal constatação também está diretamente relacionada a um certo antipetismo, em que 80% dos manifestantes afirmaram que os governos de Lula e Dilma foram os mais corruptos da história do Brasil. Apesar da crise econômica e certa preocupação com uma reforma política, um fator basilar para a compreensão da atual política brasileira ganhava ímpeto, que é a crise moral.

3. Ascensão da extrema-direita e a sua capilarização nas redes

A insurgência da extrema-direita, no Brasil, tem sido um fenômeno político marcante nos últimos anos. Contudo, é necessário salientar que isso não é um fenômeno apenas brasileiro, mas, sim, algo que vem se repetindo em outras partes do mundo, e um espelhamento de práticas da alt-right norte-americana. A aderência social aos discursos de lideranças populistas de direita tem relação com a perda de confiança nas instituições democráticas, crise econômica, crise moral e batalha ideológica.

No Brasil, o discurso pautado por esse grupo tem se concentrado em temáticas como: o combate à corrupção, a defesa da ordem e da segurança pública, o fortalecimento da família tradicional e dos valores cristãos, a ideologia de gênero e

a defesa da soberania nacional e dos interesses do país. Essas ideias têm encontrado ressonância em grande parte da população brasileira, especialmente em setores mais conservadores e nacionalistas.

Camila Rocha (2020), retoma a discussão acerca das causas que levaram ao amadurecimento da direita no Brasil, e, segundo os apontamentos levantados por ela, a internet ocupa uma significância basilar na capilarização dos discursos da alt-right brasileira. Desse modo, o descontentamento, principalmente da classe média, ocasionado pelos escândalos do Mensalão, encontram nichos na internet que propagaram as ideias vigentes naquele momento: o anseio de uma nova política de direita. Isso se mostra ainda mais interessante quando entendemos que nos anos entre 2000 a 2010, a internet tinha seu uso concentrado nas classes médias e altas, mesmo grupo que apoiava massivamente movimentos como o MBL, Endireita Brasil (2006) e Cansei (2007), nas ruas. Em pequenas comunidades de trocas de informações na internet, os ideais foram cada vez mais difundidos, fortificando e reativando um pensamento à direita do espectro ideológico, e formando uma base que passaria a ocupar as pautas do debate pública e fomentar a necessidade de lideranças que os representassem na política institucional.

A ascensão da extrema-direita no Brasil tem sido objeto de críticas e preocupações de diversos setores, incluindo grupos de defesa dos direitos humanos, movimentos sociais, intelectuais e líderes políticos de esquerda. A extrema-direita tem sido associada a uma retórica agressiva, intolerante e discriminatória, que pode fomentar a violência e a exclusão social, além de ameaçar a democracia e os direitos civis. (Galvão, 2019). Nessa perspectiva, nota-se a urgência em observar a combinação de uma crise econômica e corrupção promovendo alternativas autoritárias e de grupos intolerantes (TELLES, p. 221, 2016), marcando, assim, a base socio-política que antecedeu o bolsonarismo.

4. Jair, messias para quem?

O descontentamento e as crises institucionais descritas anteriormente se chocaram com as aspirações dos evangélicos brasileiros, grupo de crescimento

substancial desde a década de 90. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁶, no censo demográfico de 2010, os católicos representam em números absolutos 123.280.172 indivíduos autodeclarados, em contrapartida os evangélicos eram aproximadamente 42.275.440 pessoas autodeclaradas no Brasil sendo, portanto, a segunda maior religião brasileira.

Embora os católicos ainda sejam maioria, esse grupo passa por um rápido encolhimento enquanto os evangélicos crescem proporcionalmente. No censo de 2000 os católicos representavam 73,6% da população e os evangélicos 15,4%. Em 2010 os católicos abrigavam 64,6% dos brasileiros, enquanto os evangélicos passaram a representar 22,2% da população nacional.

Religião	1970		1980		1991		2000		2010	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Católicos	85.472	91,8	105.861	89	121.813	83	124.980	73,6	123.280	64,6
Evangélicos	4.815	5,2	7.886	6,6	13.189	9	26.452	15,4	42.275	22,2
Outros	2.146	2,3	3.311	2,8	4.868	3,3	6.215	3,7	9.865	5,2
Sem-religião	702	0,8	1.953	1,6	6.946	4,7	12.492	7,4	15.336	8
Total	93.135	100	119.011	100	146.816	100	169.871	100	190.756	100

Tabela 1: População brasileira por grupo religioso (em mil) e percentagem: 1970-2010

Fonte: Censo demográfico de 1970 a 2010 do IBGE.

Obs: O grupo "outros" inclui os sem declaração

Segundo os escritos de Ricardo Mariano em seu livro “Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil” o que é definido como evangélico na América Latina engloba as religiões que tiveram sua origem na reforma protestante do século XVI, nesse grupo estão as igrejas de liturgia e teologia histórica (Presbiteriana, Luterana, Congregacional, Batista, Anglicana e Metodista.) e as igrejas de matriz pentecostal (Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil,

⁶ Disponível em:

<<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2170&busca&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espiritas-sem-religiao#:~:text=Os%20evang%C3%A9licos%20foram%20o%20segmento,1980%2C%206%2C6%25>> Acesso em: 29 mar, 2023

Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção, Universal do Reino de Deus, etc.) (MARIANO, 1999)⁷.

O rápido crescimento dos evangélicos no Brasil tem por característica a alta influência do pentecostalismo sendo que, dentre os 22,2% de evangélicos brasileiros, 13,3% são de origem pentecostal. Tendo isso em vista, adentrando nas características sociodemográficas desse grupo, temos as seguintes características dividindo-os por religião (seguimento religioso) e cor, segundo os dados do IBGE no censo de 2010:

Grupo de religião	Distribuição percentual da população residente (%)					
	Total	Cor ou raça				
		Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena
Total (1)	100	47,5	7,5	1,1	43,4	0,4
Católica Apostólica Romana	100	48,8	6,8	1	43	0,3
Evangélicas	100	44,6	8,2	1	45,7	0,5
De Missão	100	51,6	6,9	1	39,8	0,7
De Origem Pentecostal	100	41,3	8,5	0,9	48,9	0,5
Não determinada	100	48,1	8,5	1,1	41,9	0,4
Espírita	100	68,7	6,6	1,1	23,4	0,2
Ubanda e Condomblé	100	47,1	21,1	0,6	30,8	0,4
Outras religiosidades	100	47,9	8,6	3,1	39,3	1,3
Sem religião	100	39,6	11,1	1,5	47,1	0,8

Tabela 2: Distribuição percentual da população residente por cor ou raça, segundo os grupos de religião - Brasil - 2010. Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2010

(1) Inclusive sem declaração de cor ou raça

Em solo brasileiro o método de pregação e o foco teológico dos sermões pentecostais favoreceram sua fácil propagação e contato com as camadas mais baixas da sociedade, empoderando os indivíduos marginalizados pela sociedade. Marco Oliveira autor do livro *A Religião Mais Negra do Brasil* diz, acerca da relação dos pentecostais com os negros:

O berço do pentecostalismo se estabeleceu no meio de pessoas simples e que tiveram experiências distintas em suas vidas, mas que

⁷ Adicionamos aqui um ponto de atenção, muitas igrejas com nome de instituições reformadas hoje, apresentam uma liturgia pentecostal. Como exemplo temos a igreja “Batista da Lagoinha” que apesar do nome já se desvinculou da convenção batista e apresenta cultos pentecostalizados.

representavam, nessas experiências questionáveis ou não, o anseio de maior liberdade religiosa. Uma observação cuidadosa permite notar que tanto o pentecostalismo americano quanto o brasileiro abraçaram o povo mais carente e, como consequência natural, o povo negro. É importante perceber que, nas várias denominações do pentecostalismo clássico no Brasil, a participação de negros desde sua origem é uma característica marcante. Muitos negros tiveram atividades importantíssimas na formação de várias igrejas, ou mesmo de denominações pentecostais em seus diversos segmentos. (OLIVEIRA, 2015. p)

Por outro lado, os evangélicos de missão são maioria branca pelas mesmas razões históricas e litúrgicas. Essas igrejas de base reformada tiveram origem no Brasil por missionários que se instalaram nos grandes centros urbanos e angariaram, num primeiro momento, fiéis de mesma língua materna. Além disso, a liturgia mais rígida e burocrática para formação de novos líderes, focava sua pregação em estudos bíblicos mais aprofundados, sermões que não alcançaram as aspirações das camadas mais baixas da sociedade. Por consequência, as igrejas de vieses reformados se popularizaram nas camadas mais altas da sociedade. (OLIVEIRA, 2018)

Corroborando para o exposto acima, em relação ao nível de escolaridade dos pentecostais e dos evangélicos de missão, o censo de 2010 nos mostram a seguinte distribuição:

Grupo de religião	Percentual de pessoas de 15 anos ou mais de idade, por nível de instrução (%)					
	Sem Instrução	Fundamental Incompleto	Fundamental completo e médio incompleto	Médio completo e superior incompleto	Superior completo	Não determinado
Total	6,3	38,6	19,0	26,2	9,3	0,6
Católica Apostólica Romana	6,8	39,8	18,3	25,1	9,4	0,5
Evangélicas de missão	3,6	30,7	19,7	33,4	12,1	0,6
Evangélico de Origem Pentecostal	6,2	42,3	21,3	25,5	4,1	0,7
Evangélico não determinada	4,3	33,7	21,6	31,2	8,4	0,8
Espírita	1,8	15,0	14,7	36,5	31,5	0,5
Ubanda e Condomblé	3,3	28,9	21,2	33,1	12,9	0,6
Outras religiosidades	4,8	31,5	19,9	31,0	12,0	0,8
Sem religião	6,7	39,2	20,2	25,2	8,2	0,5

Tabela 3: Percentual de pessoas de 15 anos ou mais de idade, por nível de instrução segundo os grupos de religião - Brasil - 2010. Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010

Obs: O total inclui as pessoas sem declaração de religião

O contato com as camadas mais baixas e o foco em ações sociais corroborou para a contínua expansão do pentecostalismo dentro desse grupo social. O que se nota é que, mesmo após um enriquecimento das igrejas pentecostais mais antigas e a alocação de suas sedes em áreas mais nobres da cidade, o fervor em alcançar as problemáticas do menos abastado continuaram a favorecer seu contato e expansão em áreas pobres. Mariano diz:

Com o propósito de superar precárias condições de existência, organizar a vida, encontrar sentido, alento e esperança diante de situações tão desesperadoras, os estratos mais pobres, mais sofridos, mais escuros e menos escolarizados da população, isto é, mais sofridos, mais escuros e menos escolarizados da população, isto é, os mais marginalizados – distantes do catolicismo oficial, alheios a sindicatos, desconfiados de partidos e abandonados à própria sorte pelos poderes públicos –, têm optado voluntária e preferencialmente pelas igrejas pentecostais. Nelas, encontram receptividade, apoio terapêutico-espiritual e, em alguns casos, solidariedade material. (MARIANO, 2005, pág. 12)

Nesse sentido, elas vêm se alastrando no Brasil de forma simples e a “passos largos” em moldes empresariais, ao mesmo tempo que, democratizam o acesso dos mais pobres ao sagrado pela formação simples de pastores junto às hierarquias eclesiais (MARIANO, 2008).

Deste cenário de expansão avassaladora, nota-se que o desejo de uma contínua expansão do evangelho culmina em um desejo crescente em estar em contato também com as esferas de poder da sociedade. Como defenderemos a seguir, o voto dos evangélicos passa pela concepção de um mundo em decadência e não somente pela busca de uma simples melhoria na qualidade de vida. Dessa forma o cálculo para o voto desse grupo passa principalmente pela esfera da igreja.

5. Um voto irracional?

Essa análise se torna elementar para entender o comportamento eleitoral da maioria evangélica. Na mesma pesquisa realizada pela ABRAPEL e IPESP notamos a seguinte distribuição do eleitorado de Lula e Bolsonaro por perfil ideológico nas eleições de 2022:

Gráfico 1: Posicionamento ideológico do eleitorado de Lula e Bolsonaro.

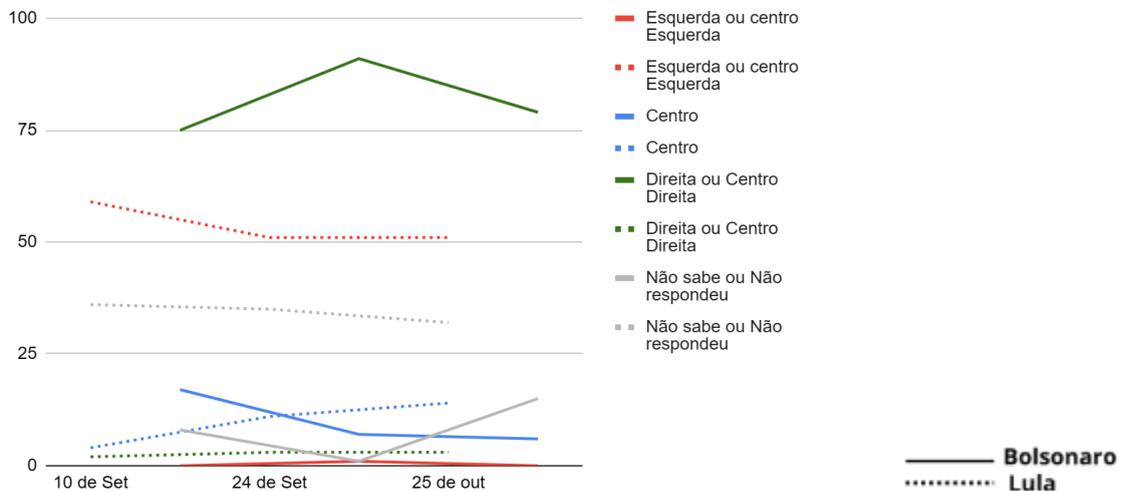


Gráfico 1: Posicionamento ideológico do eleitorado de Lula e Bolsonaro. Fonte: Termômetro da campanha. ABRAPEL e IPESP. 2022

Segundo os dados, o eleitorado do ex-presidente Jair Bolsonaro se mostrava ideologicamente mais convicto e complexo, nos termos clássicos da ciência política. Nota-se, ainda, que as campanhas dos dois candidatos seguiam linhas de discursos coerentes com a base apoiadora dos mesmos. Enquanto Bolsonaro se concentrava em defender os valores conservadores e liberais do seu governo, Lula remetia seus mandatos passados focando em angariar votos daqueles menos ideologicamente posicionados, esperançosos de uma qualidade de vida melhor do que a vivenciada nos anos de crise sanitária e econômica do segundo mandato de Jair.

Denzau e North (1994/2000), definem ideologia como um apanhado de modelos mentais compartilhados pelos grupos sociais, capaz de fornecer ferramentas interpretativas para o ambiente ao seu redor. Conover e Feldman (1981), por sua vez, vão além e compartilham a ideia de que ideologias podem ser geradoras de identidades sociais, possibilitando, assim, entender o comportamento eleitoral como guiado pelos filtros ideológicos dos grupos e pelos sentimentos de participação e pertencimento de valores comuns.

Todavia, ao aprofundar em como ideologias são criadas, notamos que a complexidade que envolve os termos é, diversas vezes, alcançada pelas classes

mais abastadas financeiramente. O acesso à educação nesse sentido, é fundamental para a construção de uma ideologia coerente no que tange as mais diversas áreas da vida política. O brasileiro médio devido aos processos de desigualdade social, tem dificuldades em cunhar uma ideologia complexa, como salientado na primeira parte deste paper, cabendo aqui a definição de Telles e Storni (2013), em que os autores afirmam que a definição comumente atribuída aos termos ideológicos é de “batalhas apaixonadas”, onde os indivíduos não votam tendo em vista ponderações coerentes com um arcabouço teórico, mas a identificação partidária.

De fato, estudos realizados na década de 60 pela escola de Michigan (EUA) demonstram que a identificação partidária é o elemento mais importante na escolha do voto, e essa identificação é construída desde a infância.

Ao juntarmos os estudos teóricos e a realidade brasileira notamos que existe uma dificuldade por boa parte da população em se identificar na escala ideológica de maneira assertiva. Dessa forma, a ascensão da alt-right e seus pensadores, trouxeram os ideários de redenção de uma cultura entregue aos processos corruptores. Esse discurso entrou em harmonia com os desejos que já circulam no meio evangélico pentecostal brasileiro desde a década de 70, fortificados nos escândalos de corrupção dos anos 2000. O desejo de um líder enviado por Deus para guiar a nação e salvá-la de sua decadência moral culminou na autoidentificação de muitos desses evangélicos pentecostais (pretos, pobres e de maioria feminina, como explanado anteriormente) no espectro da direita, mesmo que os ideais dessa posição não fossem completamente compreendidos.

Nesse sentido, podemos separar os eleitores bolsonaristas em 3 grupos principais. O primeiro se caracteriza por aqueles indivíduos que escolheram seu voto tendo em vista indicações de entes próximos, sem necessariamente se interessar pelos resultados das eleições e estando apático ao cenário político. Em contrapartida, estão aqueles eleitores ideologicamente complexos que escolheram seu voto com base em uma série de cálculos racionais coerentes, como descrito

anteriormente. Por fim, estão os votantes que escolheram o ex-presidente pelos vieses de identificação partidária como definido por Telles e Storni, nesse grupo estão a maioria evangélica brasileira (pentecostais), como defenderemos a seguir.

6. Teologia pentecostal e a procura por um líder nacional:

O pentecostalismo foi difundido no Brasil pela influência dos movimentos avivalistas (relacionado com experimentar coisas sobrenaturais) norte americanos, em especial pelo movimento iniciado em Las Vegas na rua Azuza pelo jovem pastor Seymour. Todavia o movimento tem sua origem pelas influências do movimento wesleyano, exportando da Europa para a América do norte. No que tange às crenças dos diferentes grupos evangélicos, é importante ressaltar que o fazer teologia envolve os mais diversos aspectos da interpretação bíblica sendo que a crença básica na deidade de Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo e o agir sobrenatural do ser supremo na criação e na oportunidade de salvação da criação entregue ao pecado pode ser tomado como ponto basilar e comum para a maioria das vertentes evangélicas.

Em contrapartida, outras áreas de interpretação, e até mesmo as citadas anteriormente, podem variar, mais ou menos, de acordo com a historicidade da denominação. A exemplo dessa variação, estão as doutrinas escatológicas, que tratam do fim dos tempos, e as doutrinas pneumatológicas, que focam esforços para entender o agir do Espírito Santo na vida do cristão.

Segundo (MARIANO, 1999), o pentecostalismo em termos gerais se baseia na ideia pneumatológica de que o Espírito Santo age, ainda hoje, assim como agia nas histórias bíblicas, Focando no acontecimento do livro bíblico de Atos, no capítulo 2, o pentecostal tem a ideia de que todo cristão deve receber o batismo no espírito evidenciado, na maioria das vezes, pela experiência semelhante do capítulo de Atos, a glossolalia (dom espiritual de falar em línguas estranhas). Essa visão é representada pelo posicionamento continuísta, em que os dons do espírito são visíveis e experimentados ainda hoje e entra em choque com a posição cessacionista, adotada pela maioria de igrejas protestantes históricas, em que os

dons espirituais são entendidos como elementares para os tempos bíblicos, mas hoje podem ou não acontecer com a frequência desses relatos. Em suma, esse revestimento é decisivo e uma experiência sobrenatural, onde o fiel de fato passa a ter sua conversão completa e recebe do poder de Deus para evangelizar o mundo. Seguindo esse raciocínio, entender a ação do espírito divino se faz necessário para entender as atitudes dos fiéis e o foco das mesmas até a volta de Jesus para sua segunda vinda à terra, também chamado de milênio.

As visões de fim de mundo se baseiam na interpretação do livro de Apocalipse que, apesar de terem o ponto comum que é, o fim do pecado e a restauração desse mundo, apresentam 3 linhas principais: os Amilenistas, acreditam que não haverá um reinado literal de mil anos de Cristo, e que na verdade Cristo já reina espiritualmente sobre toda a terra através da sua palavra, igreja e espírito, em suma interpretam o livro de Apocalipse de forma não literal; os Pré-milenistas, acreditam que até a vinda de Cristo a igreja viverá a grande tribulação, quando Cristo retornar ele dará início ao seu reinado de mil anos, pessoal e literal; por fim os Pós-milenistas, acreditam que Cristo retornará à terra depois de um período de paz duradouro estabelecido pelos esforços dos fiéis em propagar a mensagem do evangelho cristão pelo mundo através da palavra e dos dons espirituais concedidos por Deus.

Essa última visão é amplamente difundida pelas alas pentecostais e reverberam na chamada teologia do domínio, quem tem em sua raiz a ideia de dominar as 7 esferas da vida social com o cristianismo a fim de apressar a volta de Jesus à terra. Essas esferas, também chamadas de 7 montes, são: artes, mídias, governos, educação, economia, família e religião. O movimento pentecostal, portanto, une o revestimento de poder no Espírito Santo, no batismo sobrenatural com a ideia de ser revestido para evangelizar o mundo.

Vale salientar que em cultos pentecostais, nem sempre o desejo de influenciar essas esferas da vida em sociedade recebem o nome de Teologia do Domínio. Da mesma forma, não é comum a utilização, de forma complexa, dos

termos técnicos utilizados pela teologia para definir os estudos do fim dos tempos e do agir do Espírito Santo. Essa característica se deve a baixa oportunidade que as comunidades evangélicas periféricas têm em acessar a educação teológica formal devido aos aspectos socioeconômicos da maioria pentecostal.

Em uma revisão histórica Gutierrez Fernandes diz:

No auge do nacionalismo cristão, desde o final dos anos 1980 os evangélicos brasileiros nutrem a esperança messiânica de um presidente evangélico. Muitos acreditam que um evangélico na principal cadeira da República atrairá a graça divina sobre o Brasil, em um típico pensamento mágico de religiões do Antigo Oriente (FERNANDES, 2022. p. 77)

É interessante notar que os grupos evangélicos de linha pós-milenista, ligados ao pentecostalismo, sempre visam a eleição de um candidato que favorece a melhoria social que se imaginava necessária para a criação de uma nação próspera e abençoada naquele tempo. Em 2002, 2010 e 2014 o apoio a candidatos evangélicos se deu, principalmente, baseado na necessidade de uma melhoria econômica no país. Ainda seguindo o raciocínio do autor, em 2015-2018 o Brasil, é o país pós crise econômica e pós operação lava-jato, a pauta moral que crescia com o sentimento do antipetismo desde 2013, como descrito anteriormente, assume o palanque do debate político e o líder que apressa a volta de Cristo e traria melhoria, para a criação de uma nação próspera e abençoada, é um líder de vieses moralmente conservadores e cristãos. E muitos cristãos, em principal os de linha teológica pentecostal encontraram na figura de Bolsonaro essa resposta. Retomando os dados expostos no início deste texto, em pesquisa da professora Telles (2016) 66,8% dos entrevistados acreditavam que o maior problema do país, era a corrupção/falta de ética..

Em resumo, Bolsonaro angariou em 2018, além da população desacreditada com as instituições e o poder público, uma parcela significativa da população brasileira que, além de apresentar os mesmos motivos de descontentamento com a velha política, encontraram no candidato Bolsonaro uma resposta de Deus para a crise moral vigente no Brasil.

Para além do exposto, o assistencialismo que muitos fiéis recebem da igreja, como dito anteriormente, favorece uma dinâmica de confiança e prestígio entre líder e liderado. Vale aqui salientar que a dinâmica de culto pentecostal favorece a criação de líderes para além da figura do pregador. Existem também fiéis que, em relação especial com Deus, possuem discurso de grande prestígio dentro da comunidade. Outro importante ponto de destaque, é a relação íntima entre frequência no culto, muito alta entre os evangélicos. Segundo pesquisa do Datafolha, 53% dos evangélicos afirmam ir aos templos mais de uma vez por semana. Seguindo essa linha de raciocínio, não apenas os laços com os líderes fortifica um modo de pensar, mas sua vivência aguda na comunidade alimenta constantemente os ideais da sua fé.

A influência política exercida pelas lideranças religiosas evangélicas sobre os fiéis, empregada no ambiente das igrejas denomina-se “candidatura oficial”. Assim, igrejas evangélicas escolhem para si aqueles candidatos que melhor representaram os interesses da igreja, após isso várias ações para a promoção dessa candidatura são realizadas em cultos e pregações, transformando o ambiente religioso em um campo de captação de votos. (GRACINO JÚNIOR e REZENDE, 2020, pág. 263) Nos termos de Telles (2022) a dinâmica do voto confessional é absorvida ideologicamente pela lógica do “irmão vota em irmão”.

7. Metodologia

Religião e teologia são variáveis que podem ser usadas para explicar o desempenho de Bolsonaro em sua campanha eleitoral de 2022. Como dito antes, o cenário brasileiro viu uma queda significativa do número de católicos enquanto presenciou o aumento de evangélicos, que mesmo representando menos de um quarto da população durante o censo, se mostrou ser o foco de Bolsonaro que na pesquisa DataFolha⁸, 69% do grupo declararam apoiar o candidato, contra apenas

⁸ Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/11/vantagem-de-lula-entre-eleitores-se-m-religiao-contribuiu-para-vitoria-sobre-bolsonaro-aponta-estudo.ghtml>> Acesso em: 29 mar, 2023.

31% que apoiavam seu adversário. Já entre os católicos, a estimativa tendia para Lula com 59% de apoio contra 41%. Demonstrando como a religião pode ser um fator determinante para compreensão de como cada candidato se tornou mais bem sucedido em um meio. Boas enquadra questões simples como a luta pela liberdade religiosa advinda do confronto de diferentes segmentos como um grande motivador para a participação política proveniente desde 1986, no entanto se moldando com o passar do tempo e chegando em questões morais (Boas, 2020).

O crescimento do engajamento religioso para questões sociais aliadas ao surgimento de novas teologias religiosas, também fez surgir um novo papel ao fiel, que antes apático às mesmas questões, se torna um membro importante da disseminação das ideias eclesiais em todas as esferas sociais. A primeira hipótese determinante para o estudo se torna H1: O Bolsonaro como um candidato ideal à reeleição em 2022 seria mais adotado dentro de determinada teologia? Como já visto antes, ao se lançar na política, esses membros pareciam procurar um lugar na nova esfera que se inseriram. Bolsonaro, no entanto, apesar de declaradamente ser católico, parecia ter um aceno maior para os pentecostais, que como visto, segundo o IBGE, 60% dos autodeclarados evangélicos, também se declararam pentecostais, 18,5% como evangélicos de missão e outros 21,8% como não determinados. Entre um dos seus esforços podemos destacar o batismo do ex-presidente no Rio Jordão, que foi visto como uma conversão do candidato para o eleitor evangélico, mas gerou descontentamento entre os católicos, na qual Bolsonaro teve que se explicar dizendo que não havia renegado a fé católica, sendo para ele apenas um símbolo eleitoral, o que para David Mesquiati Oliveira, fez com que ele continuasse católico, mas com uma identidade pentecostal (Oliveira, 2020).

Além disso, Smith demonstra que os pastores pentecostais brasileiros se mostram mais engajados com questões políticas durante o culto do que outras denominações (2019). A concordância com determinadas teologias também é proveniente de igrejas e lideranças específicas, impossibilitando com modelos analíticos mais simples um estudo das questões teológicas e gerais sem que haja

uma quebra da independência das observações, algo basilar para essas técnicas. Sendo assim, o modelo multinível se mostra o mais adequado para o estudo, por sua capacidade de agrupar os indivíduos com características semelhantes em clusters enquanto analisa as variáveis que influenciam entre o mesmo grupo e as que são influenciadas pelo contexto, que nesse caso seria a teologia da liderança. Esse modelo possibilitaria uma segunda hipótese de que H2: Os valores provenientes do líder religioso influenciaram os valores dos fiéis. Dessa forma, os valores do indivíduo entram em ressonância com o contexto que está inserido, explicando a coesão do cluster a esses ideais políticos.

O modelo teria a divisão em dois níveis, na qual os fiéis seriam o nível 1 e os líderes religiosos o nível 2, podendo analisar as características de ambos os níveis isoladamente, assim como concluir o grau de influência entre eles. O segmento da igreja desse líder seria uma variável independente do nível mais alto, no entanto, apesar de ser capaz de identificar a teologia pela igreja que frequenta, a adesão delas acaba sendo a cargo dos líderes que em muitos casos agem de forma autônoma. Marina A. O. S. Corrêa analisou como os pastores haviam criado uma forma de gerir as igrejas e como os ministérios receberam autonomia local paulatinamente, isso fez com que esses pastores se tornassem figuras máximas dentro de seus templos, se tornando pastores-presidentes (Correa, 2019), dessa forma, mesmo igrejas de segmentos diferentes podem ser concordantes quanto a teologia enquanto as que são iguais podem não concordar.

O contato com esse líder agiria como contexto para a influência do fiel em maior força do que o fiel influencia o líder. Pensando nisso, no nível mais baixo, a variável dependente analisada é a adesão de determinada teologia ao Bolsonaro, que pode ser reforçada com a análise de uma variável de referência com a variável relativa ao cluster, mostrando existir alguma tendência dentro de cada grupo. Além disso, as variáveis independentes mais gerais como idade, raça, sexo... e outras específicas ao ambiente religioso como o tempo de ingresso do fiel a igreja e o tempo que frequenta, serão importantes para entender a variância desses

indivíduos no grau de adesão. Então entramos na terceira e última hipótese de H3: Quais variáveis têm mais impacto na adesão do fiel a teologia. Mesmo dentro de um grupo religioso determinado, haverá variáveis que impactam a ressonância dos valores teológicos com os valores pessoais, o que torna necessário entender os fatores por trás como marcadores sociais e questões relativas à igreja.

8. Considerações finais

Portanto, o objetivo final do trabalho é verificar de que forma Bolsonaro se encaixou como a figura de um representante político com valores que sinalizassem aos cristãos. Além disso, também seria preciso entender os fatores que fizeram o candidato ser mais bem sucedido entre denominações teológicas específicas, entender quais valores foram mais significativos e de que forma o fiel foi impactado pelos seus líderes até o período eleitoral. Assim, será analisado tanto o contexto como também questões individuais que podem justificar o sucesso da eclosão da alt-right dentro das igrejas, nas urnas e nas ruas.

Referências

- BOAS, Taylor C. (2020) A representação eleitoral dos evangélicos na América Latina. In: GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda. **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, p. 113-130.
- CAMPBELL, A. et al. (1960), The American voter, New York, Wiley Conover PJ, Feldman S. 1981. **The origins and meaning of liberal-conservative self-identifications**. Am. J. Polit. Sci. 25:617–45
- CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. (2019) **PASTORES DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS: do apoliticismo escatológico ao aparelhamento moralista**. In: INTERAÇÕES. Belo Horizonte, p. 29-54, v .14 , n. 25.
- DENZAU AD, North DC. 1994/2000. **Shared mental models: ideologies and institutions**. In Elements of Reason: Cognition, Choice, and the Bounds of Rationality, ed. A Lupia, MC McCubbins, SL Popkin, pp. 23–46. New York: Cambridge Univ. Press
- Extremismos de Direita: eleitores e ascensão do Bolsonarismo**. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (2:00:20). Publicado pelo canal Grupo Opinião Pública. Recuperado de: (225) Aula 4 - Extremismos de direita: eleitores e ascensão do bolsonarismo - YouTube Acesso em: 12 fev. 2023.
- FERNANDES S, Gutierrez. (2022). **Quem tem medo dos evangélicos? Religião e Democracia no Brasil de Hoje**. São Paulo, SP. Editora Mundo Cristão. 1 edição.

GALVÃO, Luíza (2019). **A nova direita brasileira chega ao Palácio do Planalto: uma análise do fenômeno e seus paralelos com a Alternative Right** (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

GROENENDYK, Eric; Kimbrough, Erik O.; Pickup, Mark, 2022, "Replication Data for: How Norms Shape the Nature of Belief Systems in Mass Publics". Recuperado de: <https://doi.org/10.7910/DVN/9D1L1V>, Harvard Dataverse, V1.

IPESPE - Instituto de Pesquisas Sociais Políticas e Econômicas; ABRAPEL - Associação Brasileira de Pesquisadores Eleitorais. (2022) **Termômetro da Campanha: Eleição Presidencial 2022. Segundo turno, 3ª rodada**. Minas Gerais.

OLIVEIRA, David Mesquiati. (2020) Igrejas pentecostais e sua atuação política recente no Brasil. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. p. 09-23, v. 13, n. 37.

OLIVEIRA, Marco Davi de. (2015) **A Religião Mais Negra do Brasil: Por Que os Negros Fazem Opção Pelo Pentecostalismo?** Viçosa, MG. Editora Ultimato, 1 edição.

SINGER, A. **A reativação da direita no Brasil**. Opinião Pública, [S. l.], v. 27, n. 3, p. 705–729, 2022.

SINGER, André. **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. _____. Classes e ideologias cruzadas. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 97, novembro/2013.

SMITH, A. (2019) **Religion and Brazilian democracy: mobilizing the people of God**. Cambridge: Cambridge University Press.

TELLES, Helcimara. **A Direita Vai às Ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia nos protestos antigoverno**. Edição “Crise Política”, Ponto e Vírgula - PUC SP, ed. 19, p. 97-125, 2016.

TELLES, H., Storni, T. (2013) **Ideologias, atitudes e decisão de voto em eleitores de direita e de esquerda**. *Revista Latinoamericana de Opinión Pública*